



ARGENTINA

Eleição traçará destino político de Javier Milei

O pleito de hoje define novos representantes para o Senado e Câmara. O presidente de ultradireita busca consolidar seu poder no Congresso e viabilizar uma série de reformas estruturais nos dois anos restantes do seu mandato na Casa Rosada

Millhões de argentinos vão às urnas hoje para renovar parte do Senado e da Câmara dos Deputados, em uma eleição que deve definir o rumo político e econômico do país nos próximos anos. O pleito é visto como um teste crucial para o governo do presidente Javier Milei, que está em busca de consolidar seu poder no Congresso e viabilizar uma série de reformas estruturais nos dois anos restantes do seu mandato na Casa Rosada.

O presidente precisa de maior governabilidade para conseguir a urgente reativação de uma economia em recessão e impactada por desastres financeiros. Com o resultado de mais tarde, serão escolhidos 127 deputados (metade das cadeiras do parlamento) e um terço dos 72 senadores de um Congresso de minoria governista.

O resultado da eleição legislativa é vista com uma dúvida na Casa Rosada e para o povo argentino, principalmente pelas incertezas sobre a continuidade das políticas fiscais e cambiais adotadas por Milei, pelo cenário crescente de crise social que o país enfrenta e pelos recentes escândalos do seu governo, envolvendo, inclusive, a irmã do presidente, Karina Milei.

Corrida eleitoral

Milei fechou sua campanha na última quarta-feira, em ato em Rosário, no norte do país, com a promessa de que a "Argentina vai mudar" após as eleições legislativas. "Estamos no caminho certo, por isso lhes peço que, no domingo, continuem nos acompanhando", disse. "Não fiquemos na metade do caminho, por isso esta eleição é tão importante", acrescentou, após apresentar o pleito como uma dicotomia entre "o ideal da liberdade" e o "comunismo castro-chavista".

Com bandeiras argentinas e violetas, a cor do partido A Liberdade Avança, milhares de pessoas prestigiaram o presidente ultraliberal no ato onde também foram exibidos os estandartes vermelhos das Forças do Céu, a organização juvenil que apoia o mandatário a partir das redes sociais.

Luis ROBAYO / AFP



Serão escolhidos 127 deputados (metade das cadeiras do parlamento) e um terço dos 72 senadores de um Congresso de minoria governista

AFP



No último dia de campanha, o presidente disse que a Argentina vai mudar após as eleições

Alejandra Paso estava vestida de violeta dos pés a cabeça e aplaudiu entusiasmada cada canto de apoio ao presidente. "Se ele não fez mais até agora é porque não há dinheiro", disse a aposentada de 67 anos, o setor mais castigado pela política de ajuste de Milei. Ela diz ter fé "neste homem

que fala a língua das ruas e veio para realizar a mudança que ninguém nunca se atreveu" a fazer.

Financiamento

No início da semana, a Argentina formalizou uma linha de financiamento de 20 bilhões de dólares

(108,7 bilhões de reais) com os Estados Unidos como parte de um acordo de estabilização cambial. O anúncio de um swap (acordo para troca de moedas) com o governo de Donald Trump, o corre em meio a uma desvalorização do peso argentino e se soma a outras medidas do Tesouro

americano em apoio a Milei, antes das eleições.

Ao detalhar o mecanismo do acordo, o argentino explicou que o valor só será executado quando precisar. "Caso não possamos acessar o mercado de capitais porque o risco-país continua muito alto, faremos os pagamentos de 2026 utilizando a linha de 'swap', e isso seria contrair dívida para pagar dívida", explicou Milei em entrevista. Segundo ele, a medida é "para dar segurança àqueles que investiram na Argentina, para que o risco-país diminua, a taxa de juros caia e os argentinos possam ter acesso a crédito".

Trump prometeu outros 20 bilhões de dólares em recursos públicos e privados para lidar com as turbulências do mercado, desde que Milei obtenha um bom resultado eleitoral, uma vez que não quer financiar a oposição peronista.

Para a oposição, Washington está tentando intervir na política argentina ao condicionar os recursos ao resultado das eleições. "A economia está sendo controlada remotamente pelos Estados

» Parlamento renovado

A Câmara é composta por 257 deputados, escolhidos diretamente pelos eleitores de cada província e da Cidade Autônoma de Buenos Aires. A cada dois anos, metade da Casa é renovada. Na eleição de hoje, serão escolhidos 127 deputados. O número de cadeiras é determinado de acordo com a população de cada província, garantindo um mínimo de cinco deputados para as unidades federativas com menor número de habitantes. Por sua vez, o Senado tem 72 membros, e sua composição é renovada em terços a cada dois anos. No pleito de hoje, serão substituídos os 24 senadores que foram eleitos em 2019. Cada uma das 23 províncias e a Cidade Autônoma de Buenos Aires elegem três senadores, que são eleitos diretamente. O grupo político que obtiver maior número de votos recebe dois assentos. O segundo recebe o assento restante.

Unidos", disse na última sexta-feira a ex-presidente e opositora Cristina Kirchner de seu apartamento na capital, onde cumpre prisão domiciliar por corrupção.

Outros alertam que os Estados Unidos estão se envolvendo em um "Vietnã financeiro" ao tentar conter a desvalorização do peso argentino, como advertiu Jorge Carrera, economista e ex-integrante da direção do Banco Central no governo anterior. "O Tesouro sabe que a situação de colapso atual não se deve ao 'risco peronista', mas à má prática do próprio governo", escreveu no portal LPO.

A intervenção americana não foi suficiente para deter a escalada do dólar: durante a semana, a moeda americana ultrapassou o teto da banda de flutuação cambial, chegando a 1.495 pesos. A corrida cambial começou em 8 de setembro, após a derrota do partido governista nas eleições legislativas na província de Buenos Aires. Desde então, o peso recuou 7% em relação ao dólar.

VENEZUELA

Trump tem "dúvida" sobre ataque

Após o Pentágono deslocar o maior e mais poderoso porta-aviões do mundo para "combater o narcoterrorismo" na América Latina, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, estaria avaliando atacar instalações de produção de cocaína e rotas do tráfico de drogas dentro do território venezuelano, segundo informações da rede de notícias CNN. Três autoridades do governo norte-americano ouvidas pela emissora disseram que a decisão final ainda não foi tomada, mas Trump também cogita realizar uma abordagem diplomática.

A tensão entre Estados Unidos e Venezuela tem aumentado nos últimos dias, principalmente após as recentes declarações de Trump e de Nicolás Maduro a respeito do tema. Durante a semana, o norte-americano ordenou o envio de dezenas de navios de

guerra e milhares de soldados ao Mar do Caribe e declarou um "conflito armado" contra traficantes de drogas, a quem chamou de terroristas. Até o momento, ao menos oito barcos foram destruídos em ataques aéreos pelas forças armadas dos EUA na região em águas internacionais da Venezuela.

"Não acho que vamos necessariamente pedir uma declaração de guerra. Acho que vamos apenas matar as pessoas que estão trazendo drogas para o nosso país. Certo? Vamos matá-las", afirmou o presidente dos EUA recentemente ao lado de seu secretário de Guerra, Pete Hegseth, sem citar diretamente o país sul-americano.

Maduro, por sua vez, afirmou na última sexta (24): "Eles estão inventando uma nova guerra eterna. Prometeram que nunca mais se envolveriam em uma guerra e estão inventando uma guerra que nós vamos evitar". Ele ainda citou

Alyssa Joy/Marinha dos Estados Unidos



EUA enviam tropas ao Caribe com maior e mais poderoso porta-aviões do mundo

um "relato extravagante, vulgar, criminoso e totalmente falso" por parte de Trump e alegou que "5% do narcotráfico que vem da Colômbia" passa por seu território.

O ministro da Defesa da

Venezuela, Vladimir Padrino López, comentou a ofensiva dos Estados Unidos como "uma ameaça militar no Caribe contra a Venezuela, contra a região, contra a América Latina, contra o Caribe".

Nacionalidade em risco

Ontem, Nicolás Maduro pediu a mais alta Corte da Venezuela que retire a nacionalidade do líder opositor Leopoldo López, a

quem acusou de promover uma invasão militar dos Estados Unidos ao país. No entanto, não há precedentes de venezuelanos por nascimento que tenham sido privados da nacionalidade. A própria Constituição da Venezuela proíbe essa medida.

Caracas já havia acusado López e outros opositores de tentar derrubar Maduro. Agora, o governo afirma que eles apoiam o envio, pelos Estados Unidos, de navios de guerra, caças e tropas ao Caribe.

Maduro, no entanto, insiste que o movimento busca tirá-lo do poder. O chanceler venezuelano, Yván Gil, informou em seu canal no Telegram que Maduro "apresentou um recurso ao Tribunal Supremo de Justiça para retirar a nacionalidade de Leopoldo López".

O pedido foi feito "em razão de seu grotesco, criminoso e ilegal chamado à invasão militar da Venezuela, pela promoção permanente do bloqueio econômico, assim como pelo incentivo ao assassinato em massa de venezuelanos em cumplicidade com governos e inimigos estrangeiros", acrescentou Gil.